

Um encontro do oriente com o ocidente

z não se possa chamar exactamente um . Mas, por outro lado, um choque também iniria muito bem o actual estágio no pro-la música em Moçambique.

h hoje visita Maputo, talvez saia do país uma visão mínima do que seja a chamada tradicional, ou então decepcionado com do que se ouve pela rádio, do que se em discos, ou mesmo do que se vê ao s espectáculos musicais da chamada mú-eira.

ricamente muito pouco se conhece sobre ca tradicional (que é a designação que se ionalmente à música — extracto-cultural m de todas as tribos antigas que com- oje o Povo Moçambicano). Com excepção música dos chopos (tribo que habita a centro-sul do país, na província de Inham- caracterizada pelo uso de marimbas de- das tímbla) que foi amplamente estu- do musicólogo inglês Hugh Tracey na dé- 3 40; e ainda poucos estudos (no ramo da) feitos por H. Junod sobre a música dos em geral, nada mais se conhece de efecti- smo essas duas excepções não são ricas o- nto de vista grafológico-musical. Raris- são os ritmos ou canções colocados em musical ocidental ou qualquer outro mé- 'ortanto, o que se conhece restringe-se a tários sobre as danças, às músicas que as anhavam, os ritmos, os instrumentos, e forma até superficial, não servindo de ara um profundo conhecimento histórico ponto de vista etno-musicológico.

música tradicional tem como base, quase xclusivamente, o acompanhamento das s nativas, não possuindo um moto-próprio ideia, comunicação, mensagem e carácter

de obra musical. Está atrelada à dança, a mesma forma que a dança a ela. O facto de a dança depender da música é, até certo ponto, concordante com a História da Arte no Ocidente, mas, ao contrário, o facto de a música não ter vida independente é uma considerável diferença, se levarmos em conta que já os antigos gregos possuíam canções avulsas, e mesmo no Oriente Médio, termos por volta do século IX a.C. o rei David com os seus salmos não obrigatoriamente dançados. Portanto, persistindo na afirmação, a música tradicional pura está indivisivelmente ligada à dança.

Com a invasão portuguesa no século XVI, a religião cristã trouxe para o seio do povo a canção, a princípio na forma de canto em estilo gregoriano, como afirma o padre André Fernandes nas suas cartas mandadas aos jesuítas portugueses. Mais recentemente com a entrada das religiões protestantes, consagrou-se o uso do canto coral, sempre voltado para assuntos e temas religiosos.

Ai se deu talvez o primeiro encontro musical relevante das duas culturas, onde os antigos cantos das danças foram levemente miscegenados com a estrutura harmónica ocidental, resultando a quase totalidade da actual música coral moçambicana. Inclusive as canções revolucionárias, hoje propagadas em toda a nação, têm as características acima descritas, acontecendo que muitas delas são cópias de antigas canções religiosas adaptadas a uma letra actual que trata dos interesses e preocupações do povo independente. Aliás, adaptação por vezes não muito feliz, uma vez que as regras fundamentais da prosódia são esquecidas, causando até profundas cacofonias.

trazida pelas instituições religiosas, que, graças de passagem, foram do pior nível possível.

Olhando para o lado da música ligeira, que é uma música essencialmente voltada para a pequena-burguesia, temos nada mais que o baixo nível geral da música ligeira portuguesa, acrescido da forte influência da música inglesa e norte-americana, efectuada através da música ligeira da África do Sul. Portanto a «música de consumo», como seria melhor chamarmos a ligeira, em nada praticamente se deixou invadir pelos elementos motores, sejam estes rítmicos ou melódicos, existentes na música tradicional. Os instrumentos usados para a composição da música ligeira seguem as características ocidentais da música ligeira internacional, não contendo sequer a criatividade de países como Cuba, Brasil, Chile, que adaptaram os seus instrumentos tradicionais para enriquecer as suas obras.

A produção da música erudita, ou às vezes erroneamente denominada clássica, é nula. Os colonialistas dominavam o pouco que havia neste sector e levaram consigo até os próprios instrumentos por ocasião da Independência.

Hoje a preocupação é fundar as bases da nova música moçambicana, que teria obrigatoriamente que ser constituída a partir do desenvolvimento técnico, com bases sólidas na música tradicional.

Esta tarefa é muito mais difícil do que pode parecer à primeira vista. As dificuldades são inúmeras.

Começando pela questão rítmica, a grafologia musical ocidental é limitada perante a riqueza rítmica da música tradicional. Não se pode afirmar contudo que ela seja ineficaz totalmente, mas sim que ela não foi pensada de uma forma voltada para as células rítmicas, amplamente utilizadas na música tradicional moçambicana. A constante mudança de fórmulas de compasso, o uso contínuo de sínopes, contratempos e quálteras, bem como as frequentes mudanças de andamento, fazem com que a sua escrita seja «sofisticada» em termos ocidentais. Portanto não será um músico com formação elementar que conseguirá trabalhar tecnicamente com ela e desenvolvê-la. É importante notar, porém, que todos estes comentários se referem a um parâmetro de formação musical ocidental, porque os músicos tradicionais moçambicanos não sentem sequer esta dificuldade na hora de executar os seus instrumentos. Como não têm forma de grafar, talvez não possam mesmo avaliar o que é esta aparente «dificuldade» que ora se coloca. Fica no ar a pergunta: vale a pena inventar outra forma de grafia musical rítmica que atenda com facilidade a estes problemas? Nos documentos sobre a música tradicional moçambicana feitos por músicos ocidentais bem formados, é fácil encontrar graves falhas no aspecto rítmico recolhido nestas canções.

Entre os três séculos passados e mesmo hoje conservado pela música de consumo. Dentre as várias tribos, encontramos em Moçambique desde a música pentatónica até uma exótica escala de 10 notas. Seria alongar-nos muito falar detalhadamente aqui das diversas características destas escalas e tecnicamente sobre as dificuldades por elas gerados. Contudo, os problemas principais começam quando um grupo instrumental tradicional quer acompanhar um coral nas canções revolucionárias. A escala do instrumento não possibilita que as notas exactas da canção (que tem carácter ocidental como dissemos atrás) sejam executadas, gerando assim uma certa desafinação como sói acontecer. Mudar a tessitura e os intervalos dos instrumentos seria descaracterizar a música tradicional; mas, na fase actual, desprezar a real e prolongada influência da música ocidental introduzida através da Igreja, não deixaria de ser um certo massacre, ou um passo atrás. Tudo isto depende fundamentalmente da perspectiva com que se olha o problema. Há aqueles que defendem a introdução maciça das técnicas ocidentais, como única maneira de desenvolvimento «científico» da música tradicional. A estes, mostramos a decadência do sistema tonal já há muito afastado pela música ocidental, por se ter esgotado. Outros, porém, defendem o alijamento da influência ocidental e a continuidade natural da música tradicional tal como se manteve nos séculos de colonialismo. A estes, citamos como exemplo que o pouco que se conhece da música moçambicana na época da invasão portuguesa pouco difere do estado actual da música tradicional. Até que ponto esta música não ficaria por mais alguns séculos estacionada?

A introdução de alguns elementos ocidentais na reconstrução da nação moçambicana é inevitável. Como exemplo damos a própria língua portuguesa que actualmente é a língua oficial. Neste contexto, deparamos com o maior perigo (talvez) do confronto Ocidente-Oriente na música moçambicana. Mais fácil seria, sem dúvida, deixar a música tradicional seguir lentamente o seu rumo, a par do ensino e do envolvimento da música ocidental dentro do país.

Ora, esta situação leva directamente a um desenvolvimento maior da música ocidental, por esta ter as suas bases «científicas» mais sólidas, ficando a música tradicional relegada para um plano onde rapidamente se tornaria «música folclórica», com tudo o que de pejorativo este termo possa carregar. Assim aconteceu com todos os países americanos colonizados pelo «mundo» ocidental, e até mesmo com alguns países da África.

Dentre as artes moçambicanas e outras expressões da cultura tradicional, a música ocupa sem dúvida um lugar de significativa importân-

Contudo, o melhor da música tradicional ainda se conserva intacto, felizmente, sem as perniciosas (neste caso) influências ocidentais da música trazida pelas instituições religiosas, que, diga-se de passagem, foram do pior nível possível.

Olhando para o lado da música ligeira, que é uma música essencialmente voltada para a pequena-burguesia, temos nada mais que o baixo nível geral da música ligeira portuguesa, acrescido da forte influência da música inglesa e norte-americana, efectuada através da música ligeira da África do Sul. Portanto a «música de consumo», como seria melhor chamarmos à ligeira, em nada praticamente se deixou invadir pelos elementos motores, sejam estes rítmicos ou melódicos, existentes na música tradicional. Os instrumentos usados para a composição da música ligeira seguem as características ocidentais da música ligeira internacional, não contendo sequer a criatividade de países como Cuba, Brasil, Chile, que adaptaram os seus instrumentos tradicionais para enriquecer as suas obras.

A produção da música erudita, ou às vezes erroneamente denominada clássica, é nula. Os colonialistas dominavam o pouco que havia neste sector e levaram consigo até os próprios instrumentos por ocasião da Independência.

Hoje a preocupação é fundar as bases da nova música moçambicana, que teria obrigatoriamente que ser constituída a partir do desenvolvimento técnico, com bases sólidas na música tradicional.

Esta tarefa é muito mais difícil do que pode parecer à primeira vista. As dificuldades são inúmeras.

Começando pela questão rítmica, a grafologia musical ocidental é limitada perante a riqueza rítmica da música tradicional. Não se pode afirmar contudo que ela seja ineficaz totalmente, mas sim que ela não foi pensada de uma forma voltada para as células rítmicas, amplamente utilizadas na música tradicional moçambicana. A constante mudança de fórmulas de compasso, o uso contínuo de sínopes, contratempos e quíaltas, bem como as frequentes mudanças de andamento, fazem com que a sua escrita seja «sufocada» em termos ocidentais. Portanto não será um músico com formação elementar que conseguirá trabalhar tecnicamente com ela e desenvolvê-la. É importante notar, porém, que todos estes comentários se referem a um parâmetro de formação musical ocidental, porque os músicos tradicionais moçambicanos não sentem sequer esta dificuldade na hora de executar os seus instrumentos. Como não têm forma de grafar, talvez não possam mesmo avaliar o que é esta aparente «dificuldade» que ora se coloca. Fica no ar a pergunta: vale a pena inventar outra forma de grafia musical rítmica que atenda com facilidade a estes problemas? Nos documentos sobre a música tradicional moçambicana feitos por músicos ocidentais bem formados, é fácil encontrar graves falhas no aspecto rítmico recolhido nestas canções.

Passando à parte melódica, os problemas aumentam. Em nenhuma canção ou música tradicional moçambicana se encontra o nosso sistema tonal tão sobejamente empregado no Ocidente nos três séculos passados e mesmo hoje conservado pela música de consumo. Dentre as várias tribos, encontramos em Moçambique desde a música pentatónica até uma exótica escala de 10 notas. Seria alongar-nos muito falar detalhadamente aqui das diversas características destas escalas e tecnicamente sobre as dificuldades por elas geradas. Contudo, os problemas principais começam quando um grupo instrumental tradicional quer acompanhar um coral nas canções revolucionárias. A escala do instrumento não possibilita que as notas exactas da canção (que tem carácter ocidental como dissemos atrás) sejam executadas, gerando assim uma certa desafinação como sói acontecer. Mudar a tessitura e os intervalos dos instrumentos seria descaracterizar a música tradicional; mas, na fase actual, desprezar a real e prolongada influência da música ocidental introduzida através da Igreja, não deixaria de ser um certo massacre, ou um passo atrás. Tudo isto depende fundamentalmente da perspectiva com que se olha o problema. Há aqueles que defendem a introdução maciça das técnicas ocidentais, como única maneira de desenvolvimento «científico» da música tradicional. A estes, mostramos a decadência do sistema tonal já há muito afastado pela música ocidental, por se ter esgotado. Outros, porém, defendem o alijamento da influência ocidental e a continuidade natural da música tradicional tal como se manteve nos séculos de colonialismo. A estes, citamos como exemplo que o pouco que se conhece da música moçambicana na época da invasão portuguesa pouco difere do estado actual da música tradicional. Até que ponto esta música não ficaria por mais alguns séculos estacionada?

A introdução de alguns elementos ocidentais na reconstrução da nação moçambicana é inevitável. Como exemplo damos a própria língua portuguesa que actualmente é a língua oficial. Neste contexto, deparamos com o maior perigo (talvez) do confronto Ocidente-Oriente na música moçambicana. Mais fácil seria, sem dúvida, deixar a música tradicional seguir lentamente o seu rumo, a par do ensino e do envolvimento da música ocidental dentro do país.

Ora, esta situação leva directamente a um desenvolvimento maior da música ocidental, por esta ter as suas bases «cientificamente» mais sólidas, ficando a música tradicional relegada para um plano onde rapidamente se tornaria «música folclórica», com tudo o que de pejorativo este termo possa carregar. Assim aconteceu com todos os países americanos colonizados pelo «mundo» ocidental, e até mesmo com alguns países da África.

Dentre as artes moçambicanas e outras expressões da cultura tradicional, a música ocupa sem dúvida um lugar de significativa importân-

cia. Deixar que esta vasta e rica cultura se torne, com o passar do tempo, uma mera expressão folclórica seria sem dúvida um crime sem perdão. (Não está sendo utilizado aqui o puro significado da palavra folclore, mas sim a utilização dada pelo mundo ocidental.)

Torna-se portanto muito difícil uma convivência pacífica da música ocidental com a música tradicional moçambicana, principalmente em face da actual situação da música ocidental, que hoje está mais do que nunca voltada para uma mudança radical nos seus postulados técnicos.

Resta à música tradicional moçambicana, com a sua riqueza e potencial, buscar o seu próprio caminho. Para isso, tem que, obrigatoriamente, optar por uma escolha popular dirigida * pelos seus futuros quadros de vanguarda musical (formados em Moçambique).

As grandes mudanças e descobertas do mundo contemporâneo não vivem mais de «génios» mas sim da catalisação da força conjunta, em equipa. Por que haveria de ser diferente com a música?



* Não queremos com esta expressão cair em slogans esquerdistas.